



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FÂNIOR SABINO DE OLIVEIRA MIOTTA

**A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM:
MEMORIAL DE UM PROCESSO ARTÍSTICO PEDAGÓGICO**

Uberlândia

2023

FÂNIOR SABINO DE OLIVEIRA MIOTTA

**A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM:
MEMORIAL DE UM PROCESSO ARTÍSTICO PEDAGÓGICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Teatro, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do certificado de conclusão de curso.

Orientadora: Mara Lucia Leal

Uberlândia

2023

RESUMO

O estudo proposto teve como objetivo o desenvolvimento de um processo criativo com pessoas que não tinham uma vivência teatral e que este cenário se tornasse o campo ideal para desenvolver a criação de personagens.

Os procedimentos artístico-pedagógicos que foram aplicados sucederam por meio das experiências ao longo do curso de teatro e fora dele.

Palavras-chave: Construção da personagem; Pedagogia do Teatro; Processo criativo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROCESSO	6
2.1	A Escolha.....	8
2.2	Dramaturgia.....	8
2.3	Criação.....	9
3	ENCONTRO PRESENCIAIS	10
3.1	Interação/autoconhecimento.....	10
3.2	Interpretação Cênica.....	11
3.3	Criação.....	12
3.4	Expressão.....	12
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	10
5	REFERÊNCIAS	15
6	ANEXOS	16

1. INTRODUÇÃO

Considerando que a maioria dos trabalhos que desenvolvi antes de iniciar minha vida acadêmica sempre tinha um enfoque social, pensei na elaboração deste projeto tendo como um dos objetivos sair desta zona de conforto e poder assim, assumir algo que me exija novas habilidades. Tudo começou ainda criança, no qual atuei em peças infantis que trabalhavam questões religiosas e seus ensinamentos. E No ano de 2013 iniciei o projeto social – Caravana Cultura e Arte (Luz da Transformação) na Associação do Bairro do Luizote de Freitas que encerrou as atividades no ano de 2017.

O Projeto oferecia aulas de teatro gratuitas à comunidade local, uma vez por semana, onde trabalhávamos diferentes temas como: educação, racismo, drogas entre outros. Esses trabalhos eram apresentados em ONGs, escolas, praças, feiras, empresas e plataformas digitais, com cenas mostrando os danos prejudiciais à saúde como em Jardim do Inimigo sobre uso de drogas. A forma divertida de conduzir temas como o racismo por meio da atuação se tornava um instrumento poderoso, o teatro tem esse poder de levar a mensagem que desejamos de forma eficiente e lúdica.

Então, para esta pesquisa de TCC, busquei desenvolver o teatro com a intenção total no desenvolvimento artístico, e o primeiro passo foi esquadrihar leituras que pudessem colaborar com este conhecimento. A escolha do livro A construção de personagem, do ator e diretor Constantin Stanislavski (1986), foi pelo fato dele trabalhar a criação de personagens através da estética realista. Stanislavski nos apresenta como construir um personagem a partir do estudo de uma dramaturgia e sua passagem para a cena. Com esta proposta procurei por pessoas que não tivessem nenhum conhecimento sobre a vivência artística e que juntos pudssemos construir a formação de cada personagem.

Pensei em duas ou três pessoas para atuarem e que eu também pudesse participar não apenas como diretor e sim como ator, por isso cogitei em um texto que pudesse oferecer essa dinâmica.

Após pesquisas, o texto de Nelson Rodrigues (1978), A Serpente, foi escolhido pela complexidade da trama, a qual conta a história de duas irmãs, Guida e Lígia, que se casaram no mesmo dia, na mesma igreja e dividiram o mesmo

apartamento. O roteiro tem Ligia insatisfeita com o casamento, virgem há mais de um ano de casada que quer desfazer o casamento e se matar, mas sua irmã vendo sua aflição oferece-lhe o seu próprio marido. A partir daí, a relação das duas, até então cúmplice, desmorona.

Após a escolha da dramaturgia fiz contato com alguns participantes do COMUFU (projeto de extensão da UFU que oferece oficinas de teatro gratuitas para toda comunidade) - estágio III, e duas pessoas aceitaram o desafio.

2. PROCESSO

O primeiro encontro foi realizado pela plataforma *Google meet* no dia 02 de julho de 2021, pois nos encontrávamos em distanciamento social devido a pandemia da Covid 19. O texto foi exposto e começamos pela leitura inicial em grupo, após a leitura cada um disse a visão que teve e as duas participantes disseram que não gostaram de início da peça e acharam um absurdo a trama central da peça: a irmã ficar com o marido da outra. Contudo, fui levando-as a outras perspectivas sobre os porquês dessa trama chegar ao ponto que chegou, fazendo assim uma imersão no texto. A cada reunião virtual que acontecia o texto era lido e assim mais questionamentos e características de cada personagem eram formadas, até chegar ao ponto de termos a necessidade do encontro presencial. Foram feitos três encontros online e ainda com algumas restrições, mas um pouco mais flexível em relação ao distanciamento social, busquei por locais no qual as exigências sanitárias estavam de acordo.

Mas a Universidade estava fechada. Como faríamos? Lembrei-me do meu local de trabalho, onde havia salas disponíveis. Quando consegui a autorização e assim tudo certo para o primeiro encontro, infelizmente, por motivos pessoais, uma das participantes não pode mais contribuir. Apesar da frustração, minha orientadora me convenceu de que eu não desistisse.

Como tinha pensado em três pessoas desde o início, havia uma pessoa de *Stand by*, uma ex-aluna do COMUFU, então, a chamei e expliquei todo o processo proposto. O escopo da primeira aula presencial foi fazer uma dinâmica de entrevista, no qual elaborei algumas perguntas em que responderam como elas mesmas e depois como as personagens. Indiquei a pensar sobre as particularidades das

personagens e as semelhanças que cada uma poderia ter com os papéis, ou seja, entre ficção e realidade.

Este primeiro encontro ocorreu em meu local de trabalho, porém fui comunicado de que não poderia mais utilizar o espaço e com mais esse desafio tive que dar uma pausa na continuação da pesquisa. Neste tempo de ausência os processos foram atrasando e chegou a um ponto que a primeira pessoa que havia topado também precisou desistir por motivos pessoais.

Acabei me vendo novamente com apenas uma pessoa, Andreia, estudante de biomedicina e, com mais um desafio, comecei a pensar em várias pessoas que se encaixassem no perfil e lembrei-me de uma amiga, a Elisângela, professora e educadora física, que não tinha um envolvimento ativo com o teatro a não ser em assistir algumas peças teatrais. Desafio aceito e assim conseguimos distribuir as personagens.

Andreia seria a Guida, Elisângela a Lídia e eu no papel do Décio e Paulo, dois personagens diferentes e que se encaixavam no desafio em que me havia proposto.

Alguns encontros foram online discutindo e apresentando a leitura do texto até que conseguimos um local físico para os ensaios. A Elisângela conseguiu a disponibilização de uma sala no SESC Uberlândia, local em que é professora, e deste modo conseguimos nos encontrar e começar a trabalhar as personagens. Mulheres que não eram atrizes, mas que estavam se deparando com descobertas incríveis e com imersões tão profundas no texto que jamais haviam feito, como por exemplo, interpretar uma vivência de construção de um personagem. Era um texto desconhecido e além dos desafios de atuação, o texto oferecia uma intensidade de emoção.

Realizei um contraponto entre características de cada atriz e das personagens, por exemplo, sugeri que a atriz que tinha a personalidade mais “expressiva” fizesse o papel da personagem “tímida” e a atriz mais “tímida” para fazer o papel da mais expressiva; quis oferecer a elas a experiência de vivenciarem alguém que pareça ser muito distante do seu próprio eu.

Como o meu intuito foi dobrar os personagens masculinos (Paulo e Décio), eu estava atuando em duas cenas difíceis, na minha percepção, pois uma cena é a que Décio agride a Guida e, a segunda, a cena em que o Paulo tem uma relação

íntima com a Lídia. Fizemos tudo dentro das possibilidades, respeitando tanto a minha vida particular quanto a vida delas.

Compreendo que não poderia exigir mais delas do que fosse possível, pois era a primeira experiência delas como atrizes e preso por respeitar o limite de cada um deixando o mais confortável possível.

2.1 A ESCOLHA

O interesse pelo tema da construção do personagem surgiu de uma necessidade particular de criar do teatro para o teatro, com técnicas de atuação que não fosse baseada no teatro Fórum, Augusto Boal, com o qual eu já tinha trabalhado bastante nos processos com foco mais social que artístico. Busquei assim escolher autores que trabalhassem a dinâmica de cena e ao mesmo tempo o naturalismo e a construção cênica. Os livros “A construção do personagem”, de Constantin Stanislavski (1986) e o livro “Jogos teatrais”, da diretora Viola Spolin (2008) foram os escolhidos para desenvolver a pesquisa. Os jogos da Viola têm como metodologia três bases: foco, instrução e avaliação. O foco coloca o jogo em movimento, as instruções são as palavras que o guia diz ao jogador e a avaliação que é o resultado do foco e a instrução. Viola elaborou jogos com o objetivo de preparar tanto atores profissionais quanto iniciantes.

2.2 DRAMATURGIA

As dúvidas na escolha do roteiro foram entre as tragédias gregas ou as tragédias cariocas; as tragédias cariocas, escritas por Nelson Rodrigues, chamaram a atenção pela intensidade e veracidade proposta pelo autor em cada uma das suas escritas. No texto *A Serpente* (1978) pode identificar o aspecto psicológico em cada personagem: Lígia, a irmã que está em um casamento frustrado, idealizando um casamento feliz, tendo que lidar com o casamento de “sucesso” de sua irmã e, por meio de várias frustrações, decide se matar, mas o fato não ocorre. Guida, a irmã atenciosa, oferece seu próprio marido para se deitar com sua irmã, pensando que tal ato traria a alegria de Lígia e assim a impediria de desejar a sua própria morte. Porém, após o ato sexual a mesma é tomada de ciúmes e por meio de suas

desconfianças persegue-os evitando a aproximação deles. Paulo, o marido de Guida realiza o desejo de sua mulher, no entanto começa a se apaixonar por Lígia e assim a trama oferece um enredo de ciúmes, obsessões, traições, incestos, religião e a própria morte. Todo esse conjunto psicológico do roteiro faz com que o mesmo seja explorado em todo o seu aspecto físico e mental.

Após a escolha do texto, entrou-se em consenso que não iríamos fazer a peça por completo e sim uma cena, a qual teria a participação dos quatro personagens principais (Guida, Lígia, Paulo e Décio), em que um dos participantes pudesse dobrar o personagem. E por questões pandêmicas entendemos também que seria melhor trabalhar apenas com três pessoas ao invés de cinco, escolhendo uma parte da peça, na qual Paulo e Décio não se encontravam em cena.

2.3 CRIAÇÃO

As pessoas escolhidas para participarem do projeto tiveram inicialmente acesso ao texto para uma leitura individual e se familiarizar com o material. Após esse momento houve uma leitura coletiva (online) para um estudo conjunto da peça. Assim, foi feita uma análise de cada personagem, como diz Stanislavski, as circunstâncias propostas: como condições econômicas, gostos, estilo de vida, temperamentos, planos, características físicas, projetos entre outros. Após esse estudo foram distribuídas as personagens: Guida interpretada por Andreia, Paulo interpretado por Faninho Ebenézer, Lígia interpretada por Elisângela e Décio interpretado por Faninho Ebenézer.

No segundo momento, foi realizada uma entrevista baseada nos estudos de Stanislavski em duas etapas, a primeira em que as participantes respondiam sendo elas mesmas e em seguida sendo as personagens.

1 - Qual o seu nome?

2- Quantos anos você tem?

3- Por que você veio até aqui?

4- Quem é você?

5 - Você tem família? Irmãos?

6- Já fez algo que estava com muita vontade de fazer e depois viu que poderia não ter feito?

7- Já sentiu inveja de alguém próximo de você (família, trabalho, casamento, filho e estilo de vida)

8- Você se considera uma pessoa corajosa?

9- Qual foi a maior loucura que você fez por uma pessoa próxima a você?

10- Qual a maior loucura que já fizeram por você?

11- Já sentiu interesse em alguém que já se relacionou com uma pessoa próxima a você?

12- Qual é a sua semelhança com a personagem?

O objetivo da realização da entrevista foi criar uma relação de identificação entre as participantes e as personagens.

Após esse estudo, a próxima etapa dos encontros foi realizada presencialmente.

3. ENCONTROS PRESENCIAIS

Os ensaios presencialmente ocorreram em um espaço disponibilizado pelo SESC Uberlândia, em uma sala própria para desenvolvimentos artísticos e neste local o estudo foi dividido em quatro etapas:

- Interação/autoconhecimento;
- Interpretação Cênica;
- Criação;
- Expressão.

3.1 INTERAÇÃO/ AUTOCONHECIMENTO

A primeira fase nos encontros presenciais abriu com o exercício “pés limpos”. Pés limpos é uma tarefa que tem como objetivo desligar-se do ambiente externo (das preocupações) e trazer o indivíduo para uma conexão com o aqui e o agora. No exercício, as participantes se deitam sobre o solo ao som de uma música instrumental, seguido de alguns comandos direcionados pelo pesquisador. Os comandos têm o intuito de levar os envolvidos a uma conexão com os seus personagens, fazendo deste momento uma reflexão criativa.

Após este momento inicial a dinâmica do exercício “andar pelo espaço” era introduzida, no qual cada participante tinha que andar pelo espaço vazio procurando preenchê-lo, enquanto se movimentavam percebiam-se como indivíduo por meio de suas posturas, pisar no chão, balançar dos braços, movimentos das pernas, respiração e olhar. Logo após, alguns comandos eram para que as participantes tivessem uma conexão entre elas e assim pudessem sentir a respiração da outra pessoa, a velocidade em seu caminhar e todos os seus aspectos de movimento até finalizar o momento juntas.

3.2 INTERPRETAÇÃO CÊNICA

A preparação cênica era desenvolvida através da leitura da peça, onde eram reconhecidos os aspectos sociais, físicos e morais que eram apresentados na história, fazendo com que procurassem entender o que conduziu cada personagem a chegarem ao ponto que chegaram. E também entender qual era o sentimento que as personagens tinham uma com a outra e quais eram as suas verdadeiras motivações. Deste modo, levando o pensamento ao contexto histórico em que as personagens viviam e fazendo uma reflexão ativa se colocando no lugar das personagens dentro dessa realidade.

3.3 CRIAÇÃO

Com uma música calma e todos deitados no chão com os olhos fechados e palmas das mãos para baixo, deixando o seu corpo pesar sobre o chão, começávamos nosso momento de criação. Trazia a memória delas uma contação do texto falando sobre os conflitos, as dores, as decepções e tudo que foi detectado durante o momento da preparação cênica. O jogo de andar pelo espaço foi introduzido novamente para que as atrizes pudessem caminhar imaginando como a sua personagem caminhava, olhava e se movimentava como acreditavam que seriam o andar e respirar de cada personagem. Utilizei os espelhos da sala (SESC),

que são bem grandes, para conduzi-las a se observar e encontrar o que nelas tem e que poderiam compor para seu personagem, como um olhar, um toque, uma voz, um sorriso, buscando em elementos físicos a composição desses personagens.

Observando também personagens reais como tias, tios, primos, vendedor de cachorro-quente, motorista de ônibus etc., para ver neles características que pudessem trazer para Lídia e Guida, num estudo de mimesis corpórea.

Em outro momento, as atrizes levaram um objeto de sua particularidade que elas acreditassem que teria uma ligação com a personagem. Caminhavam pelo espaço e se encontravam dizendo uma para outra o que sentem. Com trabalho de tom de voz diferente e com sentimentos apresentados pelo estudo da peça, com olhares que não mais são seus e sim de seus personagens, concluímos a construção das personagens.

Cena escolhida:

Escolhemos o primeiro ato, pois apresenta os personagens com suas características, quando após o envolvimento de Paulo e Lígia toda a relação de amor que havia sido apresentada se transforma. Quando se faz a leitura até esse ponto do texto se consegue enxergar uma relação genuína e fraternal entre as irmãs e após esse trecho se vê uma relação de ciúmes, ódio, medo e traição entre as mesmas. Por isso, entendemos que o ponto que escolhemos é um divisor de águas dessa dramaturgia.



Figura 01 – Ensaios –Elizangela e Andreia- SESC UDIA/ ABRIL2022



Figura 02 - Ensaios – Andreia e Elizangela – SESC UDIA/ ABRIL2022

3.4 EXPRESSÃO

A parte prática deste compilado de estudos está no link abaixo, contendo três vídeos, um sobre a cena que optamos fazer (descrita no primeiro ato), um minidoc de todo o processo e por último, uma das entrevistas utilizadas com uma das participantes. Todos os materiais foram gravados devido às restrições sanitárias – COVID 19.

https://drive.google.com/drive/folders/1ovH3_CjirF497QBsZ6QXucHrC7cXwM05?usp=drive_link

Obs: Uma das participantes que interpretou a Guida não pode comparecer na gravação final por questões pessoais. A cena gravada foi de Paulo e Ligia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho inicializou em oferecer desafios a todos os envolvidos, eu como professor, aluno e ator e as participantes como iniciantes na arte. No decorrer do percurso encontrei obstáculos como; permanência de participantes, aceitação do texto, locais para ensaios, pandemia e mesmo assim fomos desenvolvendo e superando. Os autores Augusto Boal, Viola Spolin, Nelson Rodrigues e Constantin Stanislavski foram às referências para a construção desta pesquisa e na escolha pelo texto “A Serpente” de Nelson Rodrigues deparei-me com o desafio principal que foi a indignação das participantes com o desfecho da trama, pois havia um desconforto pelos desvios comportamentais sociais de cada personagem. Com as práticas dos exercícios de construção de personagem, fomos oferecendo um novo olhar para cada personagem e poder desenvolver com pessoas iniciantes na arte foi o grande aprendizado, conseguir desconstruir paradigmas e construir novos e mostrar que o teatro pode ser essa ferramenta incrível de transformação.

5 REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e Jogos para o Ator e não Ator**. Editora Civilização Brasileira S.A, 1982.

RODRIGUES, Nelson. **A Serpente**. 3 edição. Editora Nova Fronteira, 2012.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais**. 2 edição, Editora Perspectiva, 2018.

STANISLAVSKI, Constantin . **A construção do personagem**. 4º edição. Editora: Civilização Brasileira, 2016.

6. ANEXO

Cena da Peça, A Serpente, de Nelson Rodrigues.

“É a separação”. Décio está fechando a mala. Fecha, levanta-se e vira-se para Lúgia, a mulher, que olha com maligna curiosidade.

DÉCIO – Pronto.

LÚGIA – Você não vai falar com papai?

DÉCIO – Pra que falar com teu pai? Não falei com a principal interessada, que é você? Perde as ilusões sobre teu pai. Teu pai é uma múmia, com todos os achaques das múmias.

LÚGIA – Então por que você não desaparece? Pode deixar que eu mesma falo. Como é suja a nossa conversa.

DÉCIO – Não me provoque Lúgia!

LÚGIA – Acho gozadíssima sua indolência. Não se esqueça que nós estamos casados há um ano e que você.

DÉCIO – Para!

LÚGIA – Me procurou só três vezes. Ou não é?

DÉCIO – Continua e espera o resto.

LÚGIA – Três vezes você tentou o ato, o famoso ato. Sem conseguir, ou minto? (Décio avança para a mulher. Segura Lúgia pelo pulso).

DÉCIO – Cala essa boca.

LÚGIA (Com esgar de choro) – Não, não!

DÉCIO – Você não me conhece! Quietinha! Você me viu chorando a minha impotência. Mas eu sou também o homem que mata. Queres morrer? Agora? (Décio a esbofeteia).

LÚGIA (Com voz estrangulada) – Não!

DÉCIO – Olha para mim, anda, olha! (Pausa. Lúgia olha) Diz agora que és puta. Diz que eu quero ouvir.

LÚGIA (Lenta) – Sou uma prostituta.

DÉCIO (Trincando as palavras) – Eu não disse prostituta. Eu disse puta.

LÚGIA (Soluçando) – Vou dizer. Sou uma puta. (Décio à solta).

DÉCIO - Agora olha para mim e presta atenção. Se você fizer um comentário sobre

a nossa intimidade sexual, seja com quem for: teu pai, essa cretina da Guida, uma amiga, ou coisa que o valha, venho aqui e te dou seis tiros. E quando estiveres no chão, morta, ainda te piso a cara e ninguém reconhecerá a cara que eu pisei. (Décio a esbofeteia. Lígia cai de joelhos com um fundo soluço. Décio apanha a mala. Num gesto largo) Vai-te pra puta que te pariu! (Décio sai. Logo entra Guida, irmã de Lígia).

GUIDA – O que é que está havendo nesta casa?

LÍGIA – Ah, Guida! Você chegou no pior momento. Nunca houve um momento tão errado!

GUIDA – Não fala assim. Olha para mim, Lígia. Você e Décio brigaram? **LÍGIA** – O que você acha?

GUIDA – Não acho nada. Parece que está todo mundo louco nesta casa. Cheguei da Missa quando Décio ia saindo. Não falou comigo, aquele imbecil. Cumprimentei, e nem bola. Você me recebe como nem sei o quê. Afinal, o que houve?

LÍGIA – Nos separamos.

GUIDA – Quem?

LÍGIA – Ora quem! Guida: quer me fazer um favor? Vá para o seu quarto. Depois conversaremos.

GUIDA – Você e Décio? E tão de repente? Não acredito que vocês tenham se separado. Você teria me falado antes. Outro dia, eu disse a Paulo: - “Lígia não me esconde nada”. Mas escuta: papai sabe?

LÍGIA – Sabe como? Nem desconfia.

GUIDA – E o amor?

LÍGIA – Que amor?

GUIDA – O amor de vocês. Nunca, até este dia, você se queixou do seu casamento. Até agora, você não disse uma palavra contra o Décio.

LÍGIA – Um canalha.

GUIDA – Só hoje você descobriu que é um canalha?

LÍGIA – Você fala do nosso amor. Quero que saiba o seguinte: Décio disse, antes de ir embora, que papai é uma múmia, com todos os achaques das múmias. (Violenta) E, então, eu descobri tudo. Papai é a múmia. Por isso ele podia achar que eu e Décio éramos felicíssimos. Mas você, que não é múmia, você tinha obrigação de enxergar a verdade, Guida!

GUIDA – Mas criatura, nós moramos no mesmo apartamento. Uma parede separa as tuas intimidades e as minhas.

LÍGIA – Por isso mesmo. Ouve-se no meu quarto tudo o que acontece no teu. Chega a ser indecente. Ouço os teus gemidos e os de Paulo. Mas você nunca ouviu os meus. Simplesmente porque no meu quarto não há isso. Esse mistério nunca te impressionou?

GUIDA – Mas Paulo, que também não é múmia, acha você felicíssima. **LÍGIA** – Se parecíamos felizes, é porque somos dois cínicos. **GUIDA** – Não acredito.

LÍGIA – Está me chamando de mentirosa?

GUIDA – Lígia: vamos fazer o seguinte. Você quer que eu fale com teu marido?

LÍGIA (Chocadíssima) – O quê?

GUIDA – Ou que Paulo fale?

LÍGIA – Você acha que eu devo fazer as pazes com um canalha? Você sabe quando o nosso casamento acabou?

GUIDA – Não chora.

LÍGIA (Chorando) – Na primeira noite em que dormimos na mesma cama. Quando ele disse para mim: - “vamos dormir”, eu me senti perdida.

GUIDA – Você quer dizer que Décio não é homem?

LÍGIA – Para as outras, talvez. Para mim, nunca.

GUIDA – Tão másculo!

LÍGIA – Você sabe, a olho nu, quando o homem é másculo?

GUIDA – E, agora, o que é que você vai fazer?

LÍGIA – Nada.

GUIDA – Não é resposta.

LÍGIA – Então me diga: - o que é que vou fazer? (Novo tom) Eu sei o que vou fazer. Mas é uma coisa que só eu sei.

GUIDA – Segredo. E eu não posso saber?

LÍGIA – Não pode saber.

GUIDA – Quer dizer que você não acredita mais em mim? (Lígia baixa a cabeça. Pausa. Fala).

LÍGIA – Acredito mais do que nunca.

GUIDA – Quero saber tudo o que houve entre você e seu marido. (Lígia vem à boca de cena. Fala para a plateia como o tenor na ária).

LÍGIA (Aos gritos) – Ele me esbofeteou. Torcia meu braço e com a mão livre me batia na cara. Eu guardei a minha virgindade para o bem-amado. E o tempo passando, e eu cada vez mais virgem. Hoje, ele falou, rindo: - “diz que és uma puta”. Respondi: “sou uma prostituta”. Berrou: “puta!” E eu disse: “sou uma puta! Basta!”. (Lígia cai de joelhos. Guida vai fazer sua ária).

GUIDA – Você foi sempre tudo para mim. Um dia, eu te disse: “vamos morrer juntas?” E você respondeu: - “quero morrer contigo”. Saímos para morrer.

De repente eu disse: - “vamos esperar ainda”. E eu preferia que todos morressem. Meu pai, minha mãe, menos você. E se você morresse, eu também morreria. Mas tive medo, quando você se apaixonou e quando eu me apaixonei. (Lígia levanta-se. Guida recua. Arquejante) Você não pode ficar sozinha.

LÍGIA – Já estou sozinha.

GUIDA – E eu?

LÍGIA – Você tem seu marido. Seu marido é tudo para você. Eu não sou tudo para você. Ou sou?

GUIDA – Meu marido é tudo para mim. Você é tudo para mim. **LÍGIA** – Escuta.

GUIDA – Você sabe.

LÍGIA – Agora me deixa falar. Sabe o que eu vou fazer? É tão fácil, simples morrer. Tomei horror da vida, Guida, eu não fui feita para viver.

GUIDA – Se você se matar. Você está pensando em morrer? **LÍGIA** – Talvez.

GUIDA – Moramos num décimo segundo andar. Se você se atirar, eu me atiro.

LÍGIA – Jura?

GUIDA – Juro.

LÍGIA – Mentirosa. Deixando teu marido, não. Teu marido é muito mais importante do que a morte. Ou você pensa que não sei, não vejo, não escuto?

GUIDA – Deixa eu te dizer uma coisa.

LÍGIA (Violenta) – Quem fala sou eu. Você se lembra do nosso casamento? Na mesma igreja, na mesma hora, no mesmo dia, mesmo padre. Quando te olhei na igreja, senti que a feliz eras tu. E senti que amavas mais do que eu e que eras mais amada do que eu.

GUIDA – Mas escuta! Escuta!

LÍGIA – É esta a verdade. Você saiu da igreja com essa felicidade nojenta. **GUIDA** (Atônita) – Você está me odiando?

LÍGIA (Selvagem) – Quantas vezes você me disse: - “eu sou a mulher mais feliz do mundo!” Só você podia ser a mulher mais feliz do mundo. Eu, não.

GUIDA – Mas eu não tive nenhuma intenção de. Lígia: você me conhece e sabe. Eu só quero te ajudar, Lígia.

LÍGIA – Você só me daria a vida, a morte, no dia em que eu pedisse para morrer contigo? Ou foi você que pediu para morrer comigo?

GUIDA – Lígia: deixa eu te dizer uma palavra?

LÍGIA – Fica com tua felicidade e me deixa morrer.

GUIDA – Quer me ouvir?

LÍGIA – Como você é hipócrita!

GUIDA (Chorando) – Lígia: nunca duas irmãs se amaram tanto. (Lígia corre para a janela) Não Lígia! Volta!

LÍGIA – Não dê um passo que eu me atiro. (Elevando a voz) Você está pensando: - “essa fracassada não se mata!” Você se julga a mulher mais feliz do mundo e a mim a mais infeliz. Tão infeliz, que tive de me deflorar com um lápis. Quantas vezes eu te vi entrando no quarto com teu marido.

GUIDA (Veemente) – Não precisa contar o que eu faço com o meu marido.

LÍGIA – Sai do meu quarto, anda! Ou fazes questão de me ver me atirando daqui? Queres ver, é isso?

GUIDA – Lígia: faça o que você quiser, mas escuta um minuto. Você quer ser feliz como eu, quer? Por uma noite? Olhe para mim, Lígia. Quer ser feliz por uma noite?

LÍGIA – Você não sabe o que diz.

GUIDA – Te dou uma noite, minha noite. E você nunca mais, nunca mais terá vontade de morrer.

LÍGIA – É impossível que. Fale claro. O que é que você está querendo dizer?

GUIDA – É o que você está pensando, sim.

LÍGIA (Atônita) – Paulo?

GUIDA – Paulo. (Lígia sai da janela. Vem conversar com Guida).

LÍGIA – Olha pra mim. Você está me oferecendo uma noite com Paulo? Sexo, como você mesma faz com ele? Por uma noite eu seria mulher de Paulo? É isso?

GUIDA – É isso.

LÍGIA – Mas nunca houve entre nós nada que. Como numa noite, se ele não me olhou, não me sorriu, não reteve a minha mão? E, de repente, acontece tudo entre

nós? E ele quer, sem amor, quer?

GUIDA – O homem deseja sem amor, a mulher deseja sem amar. (Luz sobre o quarto de Paulo. Lígia entra).

LÍGIA – Estou aqui.

PAULO – Vem.

LÍGIA – Paulo. Vim só dizer que não vamos fazer nada. É uma loucura. Você não acha que é uma loucura?

PAULO – Talvez.

LÍGIA – Fazer isso com o cunhado. Pior que o irmão é o cunhado. Concorda?

PAULO – Quero te dizer uma coisa. Quando Guida falou comigo, eu comecei a me sentir um canalha. Como é boa minha mulher, como é doce e tão amiga, e tão irmã.

LÍGIA – Por isso mesmo, porque Guida é assim, eu.

PAULO – Eu estou aqui, você está aqui. Esquece Guida. **LÍGIA** – Desculpe.

PAULO – E que mais?

LÍGIA – Posso ir?

PAULO – Menos do que nunca.

LÍGIA – Não brinque Paulo.

PAULO – Mas um beijo, você dá? (Lígia recua diante dele). **LÍGIA** – Não abuse de mim.

PAULO – E o beijo?

LÍGIA – Mas só o beijo.

PAULO – Só o beijo. (Lígia o beija na face. Paulo a segura) Agora o meu. (Ela é dominada e beijada com desesperado amor. Lígia esperneia).

LÍGIA (Rouca) – Não faça isso. Você me mata. (Lígia está falando. Paulo fecha-lhe a boca com o seu beijo. Lígia com a voz estrangulada) Não, não!

PAULO – Quieta!

LÍGIA – Você mordeu minha língua.

PAULO – Deixa eu te fazer uma coisa. (Paulo introduz a língua na orelha da cunhada).

LÍGIA – Língua no meu ouvido, não. Olha que eu grito. Não, Paulo, Guida está ouvindo? (Lígia solta gargalhadas superagudas. Paulo derruba a cunhada na cama. Imobiliza-lhe o rosto).

PAULO – Olha. Vou te fazer uma coisa.

LÍGIA – Aquilo, não deixo! É um incesto!

PAULO – Escuta aqui. Fica quieta, que Guida está ouvindo. Não diz nada.

(Paulo vira-se, curva-se sobre Lígia e fica virado para os pés da cunhada).

LÍGIA (Arquejante) – Não quero, não quero. Não falo mais com você. Não faz assim, meu amor. (Luz sobre Guida na cama de Lígia. Guida revira-se na cama. Grito de Lígia. Guida levanta-se. Em pé, de braços abertos, Guida esfrega-se nas paredes. Grito de Lígia. Guida cai de joelhos. Tem seu orgasmo. Guida está de quatro, rodando e gemendo grosso. Luz apaga e acende como se fosse a passagem do tempo) Você era a última pessoa que eu podia ver neste momento.

